

55

ROCHA PEIXOTO

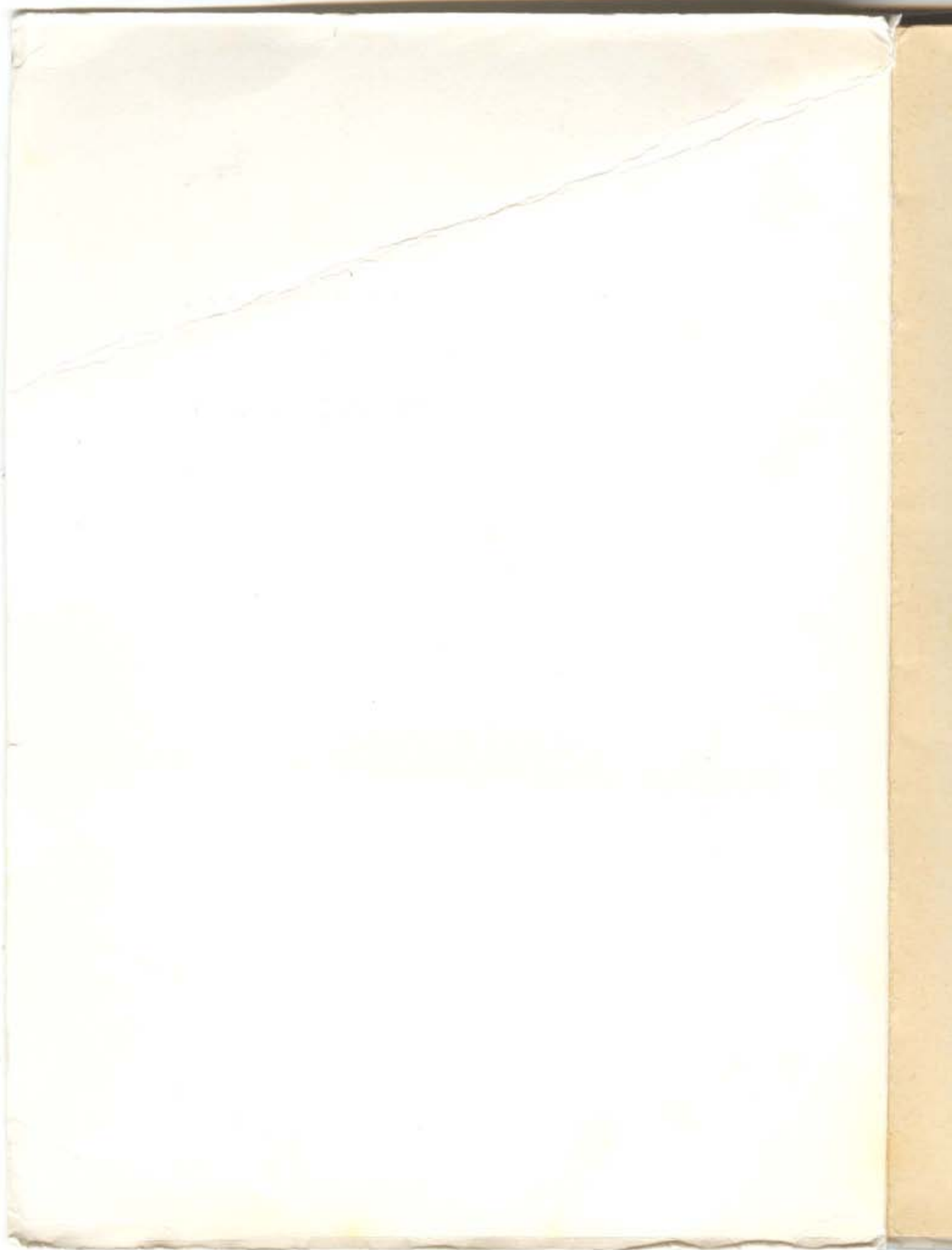
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

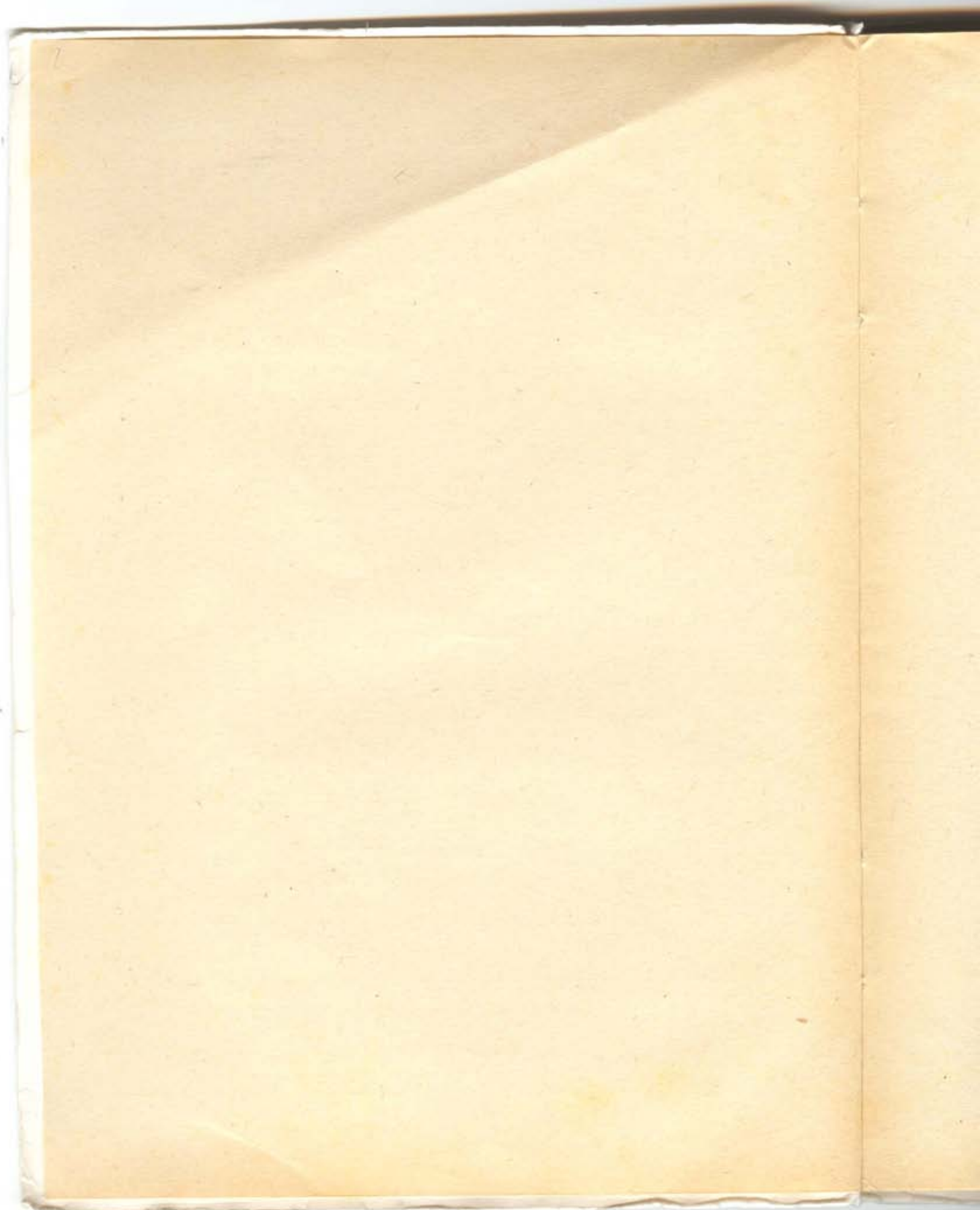
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

ROCHA PEIXOTO

(REQUISITOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE ESTADO

REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE ESTADO
REDAÇÃO GERAL

SECRETARIA DE ESTADO
REDAÇÃO GERAL
BRASIL

ROCHA PEIXOTO E RICARDO SEVERO

DOIS MESTRES DO PENSAMENTO NACIONALISTA

por Joaquim Costa (*)

Por que razão aparecem hoje, nas páginas da revista *Ocidente*, estes dois nomes ilustres, ao lado um do outro, como duas personalidades de relevo e de feição semelhante ou ideologias afins?

Em rigor, Rocha Peixoto e Ricardo Severo, tendo surgido para a vida do espírito numa fase política de crise e de reacção, teriam de vir a ser, afinal, duas figuras de combatentes nacionalistas, ou numa expressão melhor, dois precursores ousados de uma doutrina que se encontra hoje em pleno triunfo (**).

(*) Trecho de um artigo publicado na revista *Ocidente*, vol. XII, n.º 35 (Lisboa, Março de 1941), pp. 325-331.

(**) Rocha Peixoto e Ricardo Severo, que sempre defenderam ideais republicanos, alinharam desde a juventude no forte movimento nacionalista que os meios intelectuais do Porto preconizavam então — um nacionalismo porém de feição crítica, progressista e dinâmico, que visava o esclarecimento mental do país e o seu desenvolvimento económico [Vide: Flávio Gonçalves — *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965), p. 18, parte final da nota 36 (pp. 27-28) e nota 108 (p. 54)].

Que tarefa haverá, com efeito, mais benemérita e de maior alcance, que a de procurar revelar Portugal a si mesmo, nos mais pormenorizados episódios da sua vida social, dos seus costumes e da sua acção, ainda a mais ignorada ou obscura?

Os estudos históricos nacionais, ou mais precisamente, as investigações pré-históricas, arqueológicas e etnográficas, a que tanto um como outro destes cientistas deram relevo, foram profundamente impulsionados pela sua acção e renovados, quase heróicamente, pela sua fé na vitalidade do espírito nacional, na multiplicidade das suas formas, bem como na complexidade dos seus aspectos, mais característicos e essenciais.

O valor científico e moral das campanhas, levadas a cabo por estes dois magníficos trabalhadores e o estranho efeito da sua actividade, no campo científico e literário, destacam, na verdade, estas duas importantes individualidades, em meio de um nobre escol de intelectuais portugueses que, logo a seguir ao *Ultimatum*, se evidenciaram, por forma singular, no terreno das coisas do espírito.

Na primeira fase, a política de tendências iconoclastas absorveu-os a ambos, sendo certo que a mocidade é capaz de todas as irreverências e de todas as audácias, quantas vezes excessivas e injustas!

Conheci ainda Rocha Peixoto, quando ele dirigia a Biblioteca Municipal do Porto e o seu Museu, era chefe do Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia, da Academia Politética, frequentando largamente os meios jornalísticos, científicos e artísticos da cidade, onde contava bons amigos e dedicações invulgares. Parecia ser um homem extremamente culto e de fácil convívio.

Era muito da intimidade de Venceslau de Lima, de José Fortes, de Fonseca Cardoso, de Xavier Pinheiro, de Júlio de Matos, de Vasco Ortigão de Sampaio, de João

Barreira, de Oliveira Alvarenga, de Manuel Ramos, de Luís de Magalhães, de Alberto Sampaio, de Basílio Teles, de Ricardo Severo, e de muitas outras individualidades, que, gravitando, por vezes, em órbitas diversas, na realidade se aproximavam essencialmente umas das outras, pelas aspirações e pela cultura do espírito.

A *Sociedade Carlos Ribeiro*, onde nasceu a *Revista de Ciências Naturais*, que Rocha Peixoto, Venceslau de Lima e Ricardo Severo dirigiram, invocou o nome do célebre geólogo português, para a divulgação de princípios científicos e a fixação de doutrinas, que, então, se encontravam em plena voga, nos grandes centros de estudo do estrangeiro. E foi admirável esse esforço, como foram admiráveis os resultados, atingindo, por essa ocasião, a ciência portuguesa uma altura de raro prestígio. E, desse modo, se abriu caminho para a criação da *Portugalia*, cujo sucesso nos meios científicos mundiais foi verdadeiramente considerável.

Ao publicar, em 1888, o seu opúsculo sobre *O Museu Municipal do Porto* (História natural), edição da *Sociedade Carlos Ribeiro*, Rocha Peixoto reproduzia, à frente do seu trabalho, as veementes palavras de Barbosa du Bocage, em que se reflectia, ao mesmo tempo, um espírito de condenação e de combatividade. Dizia assim o notável professor e naturalista:

«Portugal é hoje o menos conhecido e explorado de todos os países da Europa; da sua *Fauna* apenas se conhecem mui poucos e raros fragmentos; nos museus mais ricos e completos, nas melhores colecções de particulares mal se avista um ou outro espécimen colhido no nosso solo... É tempo, cremos nós, de fazer cessar esta vergonha, que denuncia mais do que tudo aos estrangeiros o nosso atrazo e obscurantismo; é tempo de estudar por nós mesmos o que é nosso, e de coligir pela forma que a

ciência prescreve os documentos que devem servir de base à história das produções naturais do nosso país».

É justo dizer-se que tudo mudou entre nós consideravelmente, não só sob este ponto de vista, mas ainda em muitos outros aspectos da nossa vida cultural. O sentido pessimista das palavras do douto professor seria hoje perfeitamente inadmissível, em face do extraordinário avanço das ciências, que caminham em Portugal com a maior segurança, sem o menor auxílio alheio.

Rocha Peixoto sentiu a inércia do momento e reconheceu a inadiável necessidade de imprimir um novo impulso à actividade científica do seu tempo. E sabe-se quanto ele era tenaz e como as suas iniciativas se renovavam magnificamente. Além de isso, era dotado de um temperamento irrequieto e de uma vibração de sensibilidade muito rara. A sua própria expressão era, quase sempre, sacudida e violenta.

Relativamente novo, de estatura mediana, tinha uns olhos muito vivos e simpáticos que denunciavam imediatamente, quando falava, uma inteligência aguda e penetrante. Por vezes, usando de certas expressões de linguagem corrente, punha exaltações de cólera nas suas palavras, e a vibração do seu dizer, sacudida e intensa, revia, até certo ponto, não só aspereza, mas ainda marcados ressaibos do *lexicon* popular. Contudo, Rocha Peixoto possuía amigos, verdadeiramente sinceros, em todas as camadas sociais e em todas as ideologias.

Fazia adeptos à sua volta, com extrema facilidade. Transigia sempre que lhe era possível resolver uma situação, abrir caminho ou conquistar maiores facilidades nos seus estudos ou na sua pronta divulgação.

Apareceu, muito cedo, com preocupações superiores e pontos de vista originais e invulgares, possuindo, na verdade, um poder evidente de sugestão, que o tornava,

a cada momento, um paladino, um propagandista, e até mesmo, em certos casos, quase um apóstolo, tal era o ardor das suas afirmações, no campo do pensamento científico, e também a sua invulgar vocação de polemista. Defendendo princípios ou proclamando ideias, era sempre um apaixonado, e, por vezes, até certo ponto, um sectário. Muitos dos seus folhetos ou panfletos sustentavam doutrinas, que ele próprio, em alguns casos, teve de abandonar. Eram assim os homens do seu tempo, e foi útil que o fossem, porque nada há mais depressivo para o pensamento do que a indiferença ou a inércia.

Natural da Póvoa de Varzim, onde nasceu a 18 de Maio de 1868, (*) contava apenas vinte e dois anos, quando se viu envolvido pela corrente renovadora de ideias políticas e sociais, que havia de rematar, afinal, numa das crises mais agudas e graves da nacionalidade, tanto no terreno político, como no campo económico. Vivia-se, então, em plena ideologia revolucionária; e Rocha Peixoto não podia fugir à regra comum. Mas a verdade é que a sua vocação científica e as suas tendências de naturalista, e sobretudo de etnólogo, marcando-lhe e definindo-lhe a trajectória do espírito, puseram-no, desde logo, em contacto com uma bela disciplina interior, que havia de assinalar-lhe as tendências e fazer dele um poderoso triunfador, votado, desde os primeiros instantes da mocidade, às ciências da natureza e da história, que eram, em última análise, a consequência e o corolário inevitáveis

(*) Rocha Peixoto nasceu na Póvoa de Varzim a 18 de Maio de 1866. Não são raras, porém, as publicações onde a data do nascimento de Rocha Peixoto aparece errada [Sobre o assunto *vide*: Flávio Gonçalves — *Rocha Peixoto. Nas vésperas do centenário do seu nascimento* (Póvoa de Varzim, 1965), nota 1 (pp. 9 e 11) e nota 252 (p. 106)].

e lógicos da sua surpreendente e invulgar aptidão de cientista.

Toda a sua formação espiritual de trabalhador o apontava inicialmente para a execução de um programa em que tudo parecia fixado antecipadamente, com rigoroso método, ordem rígida e indispensável espírito didáctico. Por isso, ele teria de ser, acima de tudo, um excelente e valioso professor.

Rocha Peixoto surpreendera, de facto, outras correntes e tendências, anteriores à sua, baseadas principalmente nas doutrinas de Augusto Comte e dos seus discípulos mais eminentes, e impregnadas por igual, desde as suas origens, de uma intencionalidade didáctica e de uma acentuada aspiração de aperfeiçoamento social; e, nesse ambiente de renovação, que frequentemente era também de dissolução, se foi criando e desenvolvendo o homem e o escritor, que, pelo caminho da melhor disciplina científica, havia de atingir um alto grau de autoridade, como arqueólogo e como etnólogo, na preparação dos mais notáveis estudos nacionais.

A sua obra, embora, sob certos aspectos, se mostre variada, fragmentária e complexa, acusa, de facto, e triunfantemente, notáveis qualidades de segurança e de espírito crítico invulgares. É verdadeiramente um modelo de lucidez, de compreensão e de aptidão de síntese e de crítica, o seu excelente ensaio sobre *Formas da vida comunalista em Portugal*, um dos mais sérios estudos que conhecemos de Rocha Peixoto, e em que o historiador, o economista e o etnógrafo surpreendentemente se revelam.

Com efeito, examinando os numerosos vestígios do regimen agrário, de feição comunitária, especialmente nas serras portuguesas, e designadamente no Marão, na Gralheira, no Gerês e à orla do planalto barrosão, em Pilões, em terras de Miranda, no Suaço, em Parada do

Monte e em Cidadela, bem como em outros lugares, onde o carácter maninho dos terrenos e o regimen pastoril accentuou costumes e definiu, excepcionalmente, um direito colectivo de propriedade, o historiador é, ao mesmo tempo, economista e sociólogo; e o exame desse problema é feito com tanta exactidão e um tal poder de síntese, que tem de reconhecer-se nesse trabalho, escrito com invulgar lucidez, uma das páginas mais justas e mais nobres de quantas Rocha Peixoto nos deixou.

Que dizer dos seus ensaios de *A Terra portuguesa* e da *Portugalia*, em que se não faz apenas o exame consciencioso das tradições, das lendas e dos costumes nacionais, mas em que se fixam e definem também expressões e vestígios de tudo o que profundamente interessa à nossa demopsicologia?

É justo reconhecer nos trabalhos deste homem, ao mesmo tempo que uma grande probidade científica, uma admirável intenção de propaganda nacionalista.

É claro que Rocha Peixoto, que possuía realmente talento e uma grande vocação de investigador e de estudioso, foi auxiliado na sua actividade por uma convergência de factores, que consideravelmente facilitaram a sua tarefa, imprimindo-lhe orientação e tornando a sua actividade mais definida e fecunda. Por outro lado, o futuro redactor-chefe da *Portugalia*, uma das revistas mais notáveis e brilhantes que se publicaram no nosso país, após a crise de 1890, possuía como homem de letras, uma espontaneidade de espírito e um realce de forma e de estilo, que o levaram, na sua fase juvenil, a abraçar, naturalmente, o jornalismo, onde pôde desenvolver a sua maneira, tão pessoal e tão característica de traduzir ideias; e se o homem de ciência disciplinou, desde logo, a imaginação do literato, também é verdade que o realce didáctico da sua exposição não ganhou pouco com o

PORTUGÁLIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLA GRAY

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

A capa dos fascículos da *Portugalia*. Redução de 33% do original $\left(\frac{14,8}{22}\right)$.

brilho da forma de Rocha Peixoto, bem como com os dotes invulgares da sua pena irrequieta e fremente de escritor; e foram tão estranhas as suas revelações, que o próprio Eça de Queirós, que, por esse tempo, dirigia a *Revista de Portugal*, o chamou espontâneamente para o seu lado, convidando-o a colaborar com ele nesse brilhante repositório de ideias, que era também uma singular afirmação de cultura, de arte e de literatura nacional. (*) Mas Rocha Peixoto, apesar de novo, havia percorrido já, como escritor e como cientista, um caminho vitorioso e largo. E nem as suas predilecções se confinavam, nem o horizonte em que vivia podia fechar-se, ante a indomável e irrequieta actividade do espírito, em que, a par da influência e dos subsídios das ciências exactas e de tudo o que com elas se pudesse relacionar, se notava também uma simpatia rara e excepcional pelo estudo das indústrias regionais e caseiras, onde a índole popular se vinha reflectir, a cada passo, com a mais ardente, comovida e incomparável ternura.

E a prova de que os estudos do povo português o interessaram profundamente encontra-se, não só na observação das actividades regulares, mas até mesmo nos seus desvios e anomalias.

O trabalho sobre *A tatuagem em Portugal* fornece-nos o índice desta tendência e afirma ainda, com a maior justeza, a sua aptidão crítica neste ramo particular de estudos, em que a anatomia, a fisiologia, e até mesmo a patologia, intervêm frequentemente neste processo operatório, de origem tradicional e popular.

(*) Foi Luís de Magalhães quem indicou a Eça de Queirós o nome de Rocha Peixoto para o lugar de secretário da *Revista de Portugal* [Vide, neste volume, a nota (*) da pág. 79].

Ao referir-se aos emblemas profissionais, amorosos, eróticos e religiosos da tatuagem, Rocha Peixoto não deixa de mencionar algumas características dessas anomalias, em que a degenerescência se aproxima frequentemente da perversão e das tendências criminosas dos tatuados.

Não raro, os psiquiatras surpreendem em alguns desses exemplares vestígios de depravação, e até mesmo verdadeiras audácias sacrílegas.

É claro que este aspecto dos estudos do etnólogo é menos prevalecente, dominando-o sobretudo o que se refere aos costumes tradicionais e às indústrias de feição popular. E, sob este ponto de vista, ele não escreveu apenas história, fazendo especialmente arte e etnografia, descendo, a cada passo, a pesquisar as origens de tudo o que é nosso, convivendo tanto com os jogadores como com a gente rústica das olarias humildes, estudando ainda as filigranas, as rendas, os azulejos e o mobiliário popular, e detendo-se onde quer que lhe fosse possível surpreender ao vivo e flagrantemente o espírito da nossa gente, a definir-se em alguma coisa de característico e a mostrar-se em alguma coisa de rude, de gracioso, ou simplesmente de humano. E as suas observações foram tão fecundas em resultados e tão esclarecedoras do verdadeiro sentido da vida primitiva da nação, nos seus aspectos mais misteriosos e nas suas revelações mais sentidas, que Rocha Peixoto, partindo dos domínios do exacto para o terreno da pura espiritualidade, quase nos mostra e patenteia, por uma forma verdadeiramente comovedora, a psicologia do povo português, nas mais humildes actividades e na evidenciação dos costumes, frequentemente tão curiosos, tão característicos e tão são.

Tarefa verdadeiramente heróica e simpática a sua, que só por si lhe assegura o direito de o podermos contar entre os melhores e mais úteis trabalhadores nacionais;

e não se imagine que é, de algum modo, desperdiçar atenção e esforços estudar a actividade humilde do povo nos seus mesteres ou na sua indústria rudimentar, aparentemente mais insignificante.

Ramalho Ortigão fixou verdadeiramente a utilidade e o alcance desses estudos, quando escreveu, no seu livro *O culto da Arte em Portugal*, o seguinte:

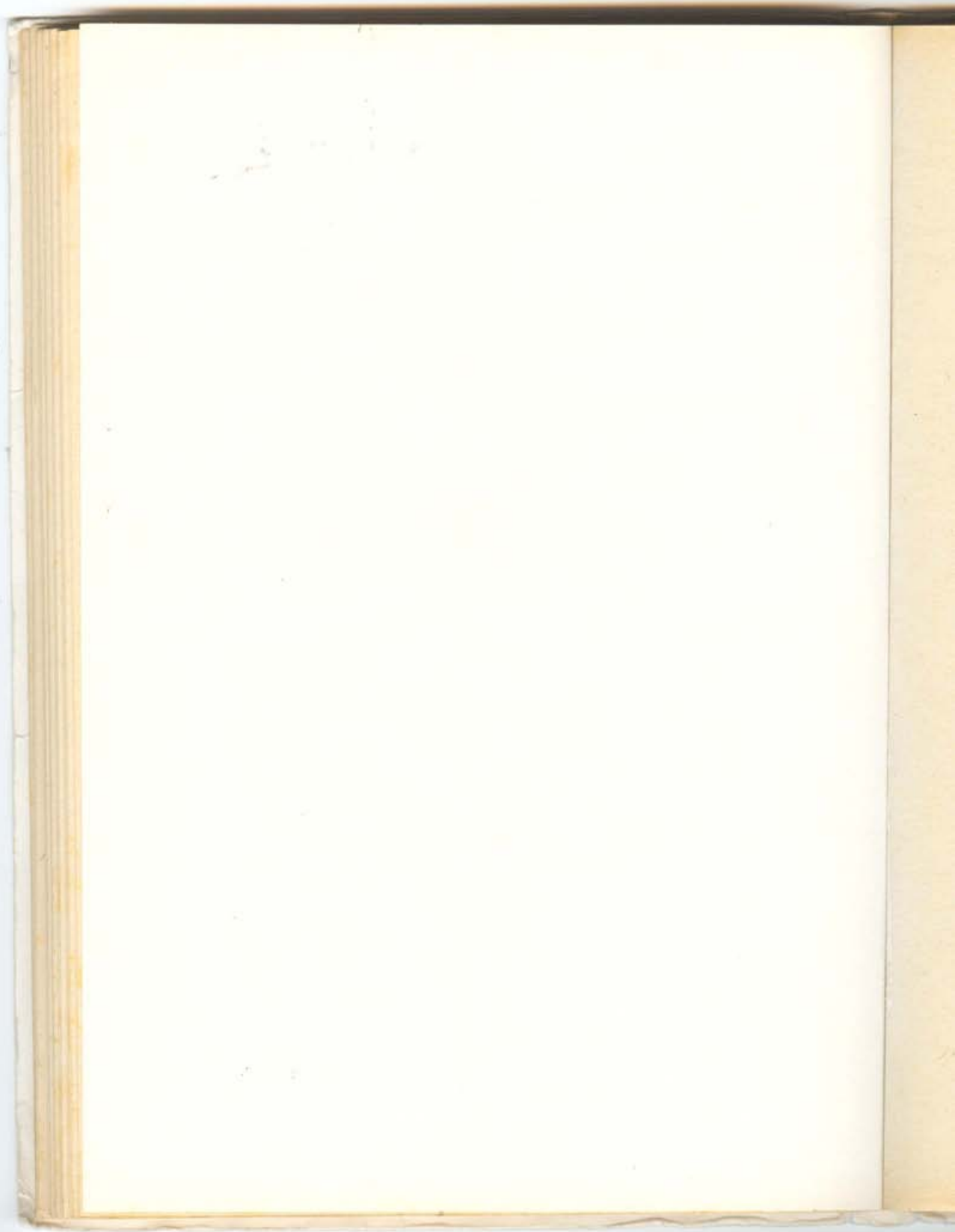
«Meditemos na maravilhosa obra operada por Ruskin num sentido estético, que à primeira vista se afigura retrógrado, mas que encerra talvez em germen o destino futuro, preciosamente moralizante de todas as indústrias, desde que os aperfeiçoamentos da electricidade desloquem o eixo do trabalho fabril, levando a casa de cada artífice por meio de um ténue fio de arame o quinhão de força que tem para distribuir por cada operário do século que vem, o imenso e incalculável esforço propulsor do sopro dos ventos, do fluxo e refluxo das marés, da corrente dos rios, dos ciclones dos Pampas ou das cataratas do Niagara. E em presença da revolução das indústrias caseiras da Inglaterra, onde todo o vestígio da tradição desaparecera, ponderemos o que se pode fazer em Portugal, onde a tradição sobrevive com uma energia prodigiosa a todos os desdénys e a todas as opressões que a esmagam!»

Rocha Peixoto meteu-se, como que por instinto, dentro desse cânón salvador, e foi essa, em minha opinião, a sua mais decisiva e marcada superioridade. Ainda hoje se diz que Rocha Peixoto era republicano como político; o que ele foi, com certeza, foi português e de tèmpera excelente; e, por isso, me causa pena que uma boa parte das suas melhores iniciativas, no terreno das mais inteligentes reconstituições etnográficas nacionais se houvesse perdido, num abandono, que não desejo considerar intencionalmente culpado, mas que veio a tornar-se prejudicial à fixação permanente de resultados cheios de utilidade,



ROCHA PEIXOTO

Retrato a *crayon* de António Carneiro, datado de 1915, na *Biblioteca Municipal Rocha Peixoto* (Póvoa de Varzim).



de beleza e de dignificação. O pouco que ainda resta de algumas das suas iniciativas nesse terreno encontra-se disperso ou sob a ameaça de perder-se.

Muitas vezes, o mal das nossas coisas reside precisamente na falta de sequência e espírito de continuidade; e é pena que nem sempre se aproveite o exemplo dos grandes trabalhadores e os resultados da sua excelente acção moral.

Rocha Peixoto não foi apenas o inventariante e o consciente pesquisador das nossas revelações etnográficas; foi ainda no campo da Pré-história, da Arqueologia e da Epigrafia, o rebuscador paciente e o trabalhador sobre todos infatigável e sem igual; e foi devido, em grande parte, ao seu esforço que o Museu Municipal do Porto pôde ver as suas colecções enriquecidas com documentos arqueológicos da mais assinalada valia.

Em face deste repositório invulgar, tão rico e tão belo, por vezes, a vida dos nossos antepassados primitivos desperta, e alguma coisa da sua alma vem ter connosco, para nos esclarecer e para nos sorrir. E não são apenas os traços inertes de união com a vida extinta das épocas passadas que nos fazem olhar com amor esses preciosos documentos; é sobretudo o que ainda há neles de humano e de íntima relação, embora por influência distante, com a vida contemporânea.

Os historiadores que se inspiram num princípio educativo de renascimento moral, através da documentação da vida antiga, vêem o problema na sua mais evidente e perfeita realidade; e foi isso que fez com que Fustel de Coulanges escrevesse na *Cité Antique* estas decisivas palavras:

«Le contemporain de Cicéron pratique des rites dans les sacrifices, dans les funérailles, dans la cérémonie du mariage; ces rites sont plus vieux que lui, et ce qui le

prouve, c'est qu'ils ne répondent plus aux croyances qu'il a. Mais qu'on regarde de près les rites qu'il observe ou les formules qu'il récite, et on y trouvera la marque de ce que les hommes croyaient quinze ou vingt siècles avant lui.»

Os homens que fundaram a *Portugalia* obedecerem a este nobre e superior ditame: procurar a alma e a vida moral das gerações nos documentos, ainda aparentemente mais inertes, que o passado nos deixou.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«marânus» - porto